

A revista **Dramaturgia em foco**, no seu volume 3, número 1, traz aos leitores oito artigos e duas peças curtas. No artigo de abertura, “Dramaturgia e infância: a influência da poesia folclórica na composição de *Canto de Cravo e Rosa*, de Viviane Jughero”, Fabiano Tadeu Grazioli demonstra o quanto o enredo da obra em análise bebe nas fontes da poesia folclórica, constituindo-se dramaturgia na confluência do aproveitamento de diversas cantigas do folclore nacional e do manejo com os elementos que compõem o texto dramático.

“Introdução à Oresteia, de Ésquilo: Trevas, Música Antimúsica” cumpre com presteza o que seu autor, Marcus Mota anuncia no título: traz a público uma leitura introdutória da trilogia *Oresteia*, de Ésquilo, composta por *Agamênon*, *Coéforas* e *Eumênides*, que focaliza basicamente a teatralidade do texto original, por meio da explicitação de suas relações entre som e visualidade.

Tiago Marques Luiz, no artigo “O riso satírico da figura religiosa em Francisco de Quevedo y Villegas e Gil Vicente: uma análise comparativa”, discute a figura religiosa nas obras *Sueños* e *Auto da barca do inferno*, focalizando principalmente a temática da sátira.

Na sequência, Cristina Matos Silva e Dias, em “Considerações sobre visualidades enunciadas na carpintaria da literatura cênica”, como o título explica, empreende uma pesquisa sobre a carpintaria teatral, na qual considera que o material que antecede a cena, seja ele real ou virtual, é um virtuoso labirinto tecido de múltiplas possibilidades construtivas. Na sequência, introduz o termo “visualidade”, uma vez que o texto dramático, quando lido ou encenado enuncia imagens visivas. Na terceira parte do trabalho se empenha em demonstrar a importância das rubricas, levantando aspectos teóricos sobre este componente da dramaturgia e ilustrando-os com exemplos.

Bruno Gavranic, em “Afetos abortados – Drama psicológico, o Método e a representação do macarthismo em *Um lugar ao sol*” discute estratégias formais adotadas pelo cinema dos EUA como meio de abordar os materiais sócio-históricos durante o

período do macarthismo. A pesquisa se pauta na análise de aspectos do filme estadunidense *Um lugar ao sol* (1951), do diretor George Stevens, mais especificamente do “método” de interpretação realista baseado em Stanislavsky, que, no filme, funciona também como uma forma de monólogo interior cinematográfico.

“Dramaturgia e reflexividade”, estudo de Diogo Liberano, debruça-se nas obras dramáticas *Colônia*, de Gustavo Colombini, e *poderosa vida orgânica que escapa*¹, de sua autoria. Diogo empenha-se em investigar um teor filosófico presente nas dramaturgias analisadas, como uma tentativa de elas conseguirem expressar as respostas que as manifestações artísticas de uma época – no caso a atualidade – oferecem ao leitor, ao espectador, ao ser humano em geral.

Voltando o olhar novamente para a dramaturgia escrita para crianças, Necylia Maria da Silva Monteiro, em “*Aventura do Lobo: uma narrativa de criação em dramaturgia*” apresenta o processo de escrita do texto do espetáculo *Aventura do Lobo*, da Cia. Artífice-mor e Grupo Cena Aberta/MA, baseando-se na genética teatral e no Teatro Performativo de Josette Féral.

No fechamento do conjunto de artigos do número, “Iracema, outras iracemas, devir iracêmico”, de Luiz Nadal, expõe uma análise do monólogo *Se eu fosse Iracema* (2016), da companhia 1COMUM, que tem dramaturgia de Fernando Marques, direção de Fernando Nicolau e atuação de Adassa Martins. O ensaio busca delinear o corpo cênico performado pela atriz, o qual deforma os contornos da máquina ocidental de pensamento e produz um particular tipo de devir, no sentido de Gilles Deleuze (2012). Nas palavras de Nadal: “Passados mais de 150 anos da publicação do livro, a peça convoca a um movimento transgressor frente a imagem exótica de Iracema.”, isso por que o ensaio demonstra que o espetáculo, bem como sua dramaturgia, subvertem (para dizer pouco) a noção de corpo percebida no romance *Iracema*, de José de Alencar.

Na seção de peças curtas, são levadas ao leitor, *Shite e Waki*, de Eduardo Aleixo Monteiro, peça com inspiração no teatro nô, em que o shite é aquele que age, podendo representar seres que não pertencem ao mundo dos vivos ou pessoas inconscientes de si, enquanto o waki é aquele que está ao lado para chamar o shite de volta, e *Personas*, de Antonio Gerson Bezerra de Medeiros, proposta dramática em que a personagem central, Beatriz, é vivida por três atrizes diferentes, cada qual com modo de existência

¹ A utilização de minúscula no início do título é um recurso utilizado pelo dramaturgo.

distinto.

Agradecemos aos autores dos artigos e das peças curtas pela escolha deste periódico para publicar sua produção acadêmica ou dramática e desejamos uma agradável leitura.

Fabiano Tadeu Grazioli

Fulvio Torres Flores

Editores